



ARTIGO

## A CRIAÇÃO POÉTICA COMO PRÁTICA DE LIBERDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE A OBRA DE MANOEL DE BARROS

### POETIC CREATION AS A PRACTICE OF FREEDOM: A REFLECTION ON THE WORK OF MANOEL BARROS

Anísio Batista Pereira<sup>1</sup>

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Integrante do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF/UFU/CNPq)

**Resumo:** As práticas discursivas se traduzem em várias formas e dimensões, sendo responsáveis pela constituição de sujeitos. Dentre as várias possibilidades, sem dúvida a criação poética merece atenção nesse contexto, pelas suas especificidades que a diferenciam das comunicações utilitárias. Pensando nessa questão, o presente estudo objetiva refletir sobre a produção discursiva poética e sua relação com as práticas de liberdade, tendo em vista a constituição do sujeito. Como recorte para análises, foram selecionados três poemas, cada qual de um livro do escritor brasileiro Manoel de Barros. No que concerne ao suporte teórico-metodológico, amparamo-nos nas formulações de Foucault, teórico que é tomado por linguistas para fins de método de análise de discurso. Nessa perspectiva, os conceitos de sujeito, transgressão e prática de liberdade foram a direção para nosso percurso analítico. Pelas análises, é possível detectar uma ordem discursiva, pela criação poética, que foge da linguagem funcional do cotidiano, direciona-se para a transgressão, cujo sujeito possui liberdade de criação nesse processo de cuidado de si, dado por uma ética e uma estética da existência.

**Palavras-chave:** Sujeito. Transgressão. Prática de liberdade. Manoel de Barros.

**Abstract:** Discursive practices translate into various forms and dimensions, being responsible for the constitution of subjects. Among the various possibilities, poetic creation undoubtedly deserves attention in this context, due to its specificities that differentiate it from utilitarian communications. Thinking about this issue, the present study aims to reflect on the poetic discursive production and its relationship with the practices of freedom, in view of the constitution of the subject. As a cut for analysis, three poems were selected, each one from a book by the Brazilian writer Manoel de Barros. Concerning the theoretical-methodological support, we rely on the formulations of Foucault, a theorist that is used by linguists for the purposes of a method of discourse analysis. In this perspective, the concepts of subject, transgression and practice of freedom were the direction for our analytical path. Through the analyses, it is possible to detect a discursive order, through poetic creation, which escapes the functional language of everyday life, is directed towards transgression, whose subject has freedom of creation in this process of self-care, given by an ethics and aesthetics of existence.

**Keywords:** Subject. Transgression. Practice of freedom. Manoel de Barros.

## Palavras primeiras...

*Não pretendo que a poesia seja um antídoto para a tecnocracia atual. Mas sim um alívio. Como quem se livra de vez em quando de um sapato apertado e passeia descalço sobre a relva, ficando assim mais próximo da natureza, mais por dentro da vida. Porque as máquinas um dia viram sucata. A poesia, nunca.*

(MÁRIO QUINTANA, 1977. n. p.)

A obra literária do escritor brasileiro Manoel de Barros (1916-2014) emerge no cenário do século XX, com início das publicações na segunda metade da década de 1930, e se estende até o ano anterior de sua morte, em 2013. Mais precisamente, trata-se de um poeta pertencente ao Modernismo e ao Pós-Modernismo e cuja obra é inserida no contexto da denominada “Geração de 45”. Como marca de sua escrita, o espaço onde foi criado e em que viveu até o final de seus dias muito influencia suas composições, pela descrição de elementos da natureza que são bastante recorrentes em seus poemas, sobretudo no que tange às aves, sendo conhecido, por essa razão, como “poeta dos passarinhos” e também como o “poeta das miudezas” por procurar nas pequenas coisas o centro para suas reflexões poéticas. Ao longo de sua carreira, o autor recebeu inúmeros prêmios, como o *Jabuti*, sendo um dos mais aclamados poetas brasileiros do seu período em atividade. Outro ponto que nos chama a atenção no que respeita às temáticas é a infância, que pode ser observada em vários de seus livros, em que o escritor brinca com as palavras e constrói um devir-criança, isto é, linguagem que se direciona para um “criaçamento das palavras”.

Nessa dimensão literária, em que um sujeito é construído nos poemas, pensamos que as considerações de Foucault no que concerne à constituição do sujeito, pelas relações de saber e de poder, sejam um caminho para problematizar essas criações poéticas, pela liberdade que o poeta apresenta no encontro da linguagem e as coisas que o cercam. Como é notório nas construções barreas, esse escritor não se preocupa em utilizar a linguagem a partir de uma lógica cotidiana, mas constrói relações, e materializa um sujeito liberto que não se prende às convenções estabelecidas. Em meio a essa característica peculiar de compor seus discursos e os sujeitos neles materializados, objetivamos refletir sobre a constituição do sujeito a partir das práticas discursivas, tendo em vista a liberdade que se vincula à ética e à estética da existência, no arcabouço da metodologia adotada.

Pensando nessas questões, recortamos três poemas de Barros, cada qual de um livro: *O livro das ignoranças* (1993); *Livro sobre nada* (1996); e *Exercícios de ser criança* (1999). O recorte do *corpus* se deu considerando certas regularidades desses poemas, tais como o recurso a metapoema (menção sobre a escrita poética nos próprios poemas), a menção a passarinho e a relação entre poesia e infância, elementos relevantes para nosso processo de análise. Essas regularidades sugerem a própria prática da liberdade, em que o poeta, pela escrita, “alça seu voo” assim como as aves. Essas regularidades se fundamentam a partir do referencial teórico-metodológico pautado na perspectiva foucaultiana, regularidades essas que, devido às condições de existência do discurso, vinculam-se a singularidades determinadas. Foucault (2008) salienta que, embora todo enunciado seja povoado de outros enunciados, as suas condições de possibilidade/regularidades se diferenciam, tornando-os portadores de um diferencial que os caracteriza, atribuindo-lhes também um caráter de acontecimento discursivo, bem como se observam nesses aspectos constitutivos dos poemas barreanos, indispensáveis para o movimento analítico.

O trabalho<sup>1</sup> encontra-se organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento foi feita a problematização dos conceitos de sujeito e o cuidado de si em Barros; posteriormente, a noção de transgressão na escrita desse poeta entra em cena; logo após, a análise dos três poemas recortados, com vistas a sublinhar esse sujeito construído pela prática discursiva poética, delineando as discussões para as considerações finais.

## 1 O sujeito e o cuidado de si em Manoel de Barros

O sujeito que se apresenta na poesia barreana apresenta certas peculiaridades, com caráter de rememoração e ao mesmo tempo utópico, como quem se adentra sempre no fora. Nesse percurso, saberes legitimados são resistidos para um mergulho em possibilidades outras, cujos regimes de verdade mais específicos vão ganhando forma nesse movimento poético. Como é declarado pelo próprio poeta em suas poesias, o senso comum é deixado de lado, isto é, discursos tidos como normais não correspondem aos modos de subjetivação do

---

<sup>1</sup> Este artigo é recorte de uma tese que apresentou por objetivo analisar discursivamente, de forma comparativa, a construção de infâncias na poesia de Arnaldo Antunes e de Manoel de Barros, defendida em 2021 na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

sujeito que se liga a uma espécie de infância.

É nesse contexto de constituição que a proposta teórico-metodológica de Foucault ganha destaque, pois apresenta certos conceitos operacionais que podem ser observados em várias de suas obras, que passam por reformulações ao longo de seus avanços epistemológicos. Um desses elementos basilares é o sujeito, tido para esse estudioso como efeito das relações de saber e de poder que o constituem.

Suas abordagens são um terreno fértil para discussões sobre o sujeito do discurso na perspectiva supracitada, à luz dos estudos discursivos. Para tanto, vale resgatar que para Descartes (*apud* FERNANDES, 2016) o sujeito era tido como o da razão, isto é, o centro daquilo que se dizia, sustentando-se, assim, por uma interioridade autônoma, consciente, e que sua constituição independia das relações sociais.

A concepção de sujeito cartesiano se configura a partir de uma exclusão da linguagem no seu processo de constituição, uma vez que a significação se dava no seio de uma interioridade subjetiva e não pelo exterior. Nesse contexto, vale destacar ainda que a linguística, nesse período filosófico, não era tida como um campo disciplinar em abordagem e, por isto, imperceptível em relação a seu impacto sobre o sujeito. Além disso, é válido considerar a influência de Friedrich Nietzsche nas formulações foucaultianas no que concerne à ideia de uma genealogia, que aponta para as relações de poder. O sujeito em Barros confere essa dimensão discursiva pela relação consigo mesmo e com o outro.

Essas reformulações teóricas envolvendo o homem tomam o indivíduo como sujeito e objeto dos estudos, pois sua constituição, sendo de ordem complexa, advém de abordagens de vários campos do conhecimento, tais como a economia, a política, a medicina, enfim, áreas que colocam o sujeito como sendo constituído por uma ordem complexa. Nesse processo de descentramento, a ideia de uma constituição a partir do meio sócio-histórico entra em cena como o centro das discussões no cenário epistemológico dessas formulações. Foucault (1999) aborda, em *As palavras e as coisas*, essa ruptura epistemológica sobre a “morte do homem” de forma metafórica, em que coloca o sujeito na condição de descentrado e o nascimento da ideia de que ele não passa de um efeito da exterioridade que o constitui, na ordem da descontinuidade.

O sujeito, na concepção foucaultiana, se constitui por processos de subjetivação que

se dão ao longo da história, que não cessa de se transformar. Assim, essa constituição se vincula à complexidade social, que abarca todo um conjunto de regras e condutas que provoca impacto no sujeito, determinando seus modos de vida, sua relação consigo e com o outro. É nessa dimensão que o sujeito ligado à infância e sua relação com o poeta ganham sustento, pois ainda que o discurso literário esteja fora da ordem do discurso, as práticas discursivas constitutivas do sujeito podem ser observadas, ainda que por outro ângulo, pela anormalidade dos saberes que ali povoam. O fazer-se sujeito poeta, como na poesia barreana, direciona-se para um modo de relacionar-se consigo e com o outro distinto do convencional.

É nessa direção que Yamamoto (2016, p. 21-22) destaca o sujeito barreano e seu diferencial nesse processo de constituição, que “[...] indica a existência de um tempo fugaz, de exploração, do desnecessário, além de um tempo da natureza e das diversas formas de vida que se ajustam por si mesmas”. Considerando essas características que apontam para a dimensão criadora do sujeito poeta, a referida autora destaca também que “[...] seus poemas se revelam como resistências, pois questionam a lógica científica, o consumismo, a busca do lucro, do ter em lugar do ser, sufocando o sujeito e sua capacidade de existir” (Ibidem, p. 22).

Esse sujeito então segue uma ordem que lhe é própria, que por sua vez se reflete na produção de discursos e que se baseia nos preceitos de uma ética, cujas práticas de si resultam desse universo de uma fuga das normas sociais estabelecidas. Detalhes aparentemente invisíveis são objeto de reflexões, de importância, instaurando regimes de verdade a partir das “miudezas poéticas” sensíveis pelo sujeito poeta no seu percurso de criação. Destacam-se as práticas de liberdade que não fogem dessa dimensão da resistência a uma determinada ordem social estabelecida. O cuidado de si e do outro na poesia do referido poeta se dá por intermédio do inusitado, do inesperado, do ininteligível, como quem lança um olhar oposto à lógica de um discurso legitimado, cujos elementos mais simples possibilitam a criação poética, assim como o brincar de uma criança, descompromissado da realidade. Nos poemas, há relações entre sujeitos, uma interferência nas suas condutas.

Foucault (2014), em *Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política*, conduz suas reflexões sob o duplo aspecto saber e poder, bem como na maioria de seus livros e cursos, tendo em vista que a produção de verdades se constitui em elemento-chave no processo de

produção de subjetividades. No entanto, ele não se limita colocando em cena simplesmente os saberes que giram em torno das ciências, mas também aqueles que se ligam às práticas cotidianas e que configuram uma ética e uma estética da existência, bem como se observam na poesia barreana:

[...] É o que se poderia chamar de uma prática ascética, dando ao ascetismo um sentido muito geral, ou seja, não o sentido de uma moral renúncia, mas o de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser. Considero assim o ascetismo em um sentido mais geral do que aquele que lhe dá, por exemplo, Max Weber; mas está, em todo caso, um pouco na mesma linha (FOUCAULT, 2014, p. 265).

As práticas de si não podem ser compreendidas como desvinculadas das relações sociais, com o outro, que acabam por desencadear uma relação de si consigo mesmo, em que esse resultado só é possível a partir de um conhecimento sobre si mesmo e que é o reflexo de sua relação com a exterioridade (linguagem). O sujeito, embora tomado na dimensão do social, apresenta seu aspecto singular resultante de suas práticas que o inserem em um universo da liberdade. Na criação poética, o sujeito assume uma posição, isto é, uma função-autor que, ao mesmo tempo em que essa dimensão é própria da escrita literária, ela desaparece no texto, cujo discurso poético ruma para o ser de linguagem.

Na esteira das relações de poder emergem as resistências, estas podendo ser percebidas como possibilidades, uma espécie de fuga de determinada ordem à qual o sujeito se recusa a aderir, pela existência de outras possibilidades que não as impostas e arraigadas socialmente. Os modos de subjetivação variam no curso da história e o exercício do poder possibilita também as práticas de liberdade. “A liberdade abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade” (FOUCAULT, 2014, p. 267).

Isso posto, reitera-se que o cuidado de si, bem como os modos de subjetivação do sujeito, entram no cenário dos jogos de verdade, que apresentam suas regras de produção que variam em cada época. Ao longo de suas pesquisas, o filósofo problematiza, quase que em todos os seus estudos, o que está em jogo na produção de verdades que são responsáveis por configurar sujeitos distintos a partir de suas condições de possibilidade. Na poesia barreana, a criação poética é tida como sustentada por jogos de verdade próprios, cuja

linguagem utilitária cede espaço para o “inútil”, condição própria da criação poética e um modo de prática de liberdade do sujeito.

Para além disso, o pesquisador francês assevera o laço entre poder e verdade, que culmina em determinar o funcionamento da sociedade, e que entra no arcabouço das práticas de si, pelas relações consigo e com o outro. Em *A hermenêutica do sujeito*, o estudioso observa que “A verdade é o que ilumina o sujeito; a verdade é o que lhe dá beatitude; a verdade é o que lhe dá tranquilidade de alma.” (FOUCAULT, 2004, p. 21). Ademais, no que concerne a esses elementos constituintes, em *Ditos & Escritos IV – Estratégia, Poder-Saber*, salienta-se que:

Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam (FOUCAULT, 2006, p. 229).

A denominação (jogos de) *verdade* assinala certas regularidades que entram em cena no contexto da produção de verdades e que, de forma coercitiva ou mais espontânea, o sujeito as toma para si como aspectos que moldam suas condutas. Nesse cenário, o que é considerado como verdadeiro em uma época e não em outra demarca esse caráter de jogada, que entra também nos jogos de poder.

Em *Subjetividade e verdade*, Foucault (2016) problematiza essa relação que se dá no tocante à constituição do sujeito, afirmando que as produções de verdade ocorrem por meio desses jogos, daquilo que é tomado como verdadeiro. “O importante nessa questão da verdade é que certas coisas passam efetivamente por verdadeiras, e que o sujeito deve ou produzi-las pessoalmente, ou aceitá-las, ou submeter-se a elas” (FOUCAULT, 2016, p. 13-14). Nessa dimensão do que vem a ser verdadeiro e o processo de adesão pelo sujeito, (Ibidem, 2016, p. 14) acrescenta ainda que “[...] o que esteve e estará em questão é a verdade como vínculo, a verdade como obrigação, a verdade também como política, e não a verdade como conteúdo de conhecimento nem como estrutura formal do conhecimento”.

Nessa dinâmica de produções de verdade, pensemos no discurso poético como o

que preza pela relação do sujeito com a linguagem de forma específica:

O que esses poemas de Barros põem em evidência é a hiância aberta pela poesia para se pensar a relação do homem com a palavra, com sua linguagem. Somos um, somos dois, somos vários. Contudo, destacadamente, um, dois e vários não dizem muito a respeito do que somos. Simplesmente diz que somos múltiplos. A palavra, nesse sentido, mais do que nunca, encena as possibilidades da linguagem, simultaneamente, cria-nos em instância linguageira. Como seres da linguagem, talvez essa seja única instância em que efetivamente existamos, pois é a partir dela e nela que o homem se fez homem (FIOROTTI, 2006, p. 185).

Na relação com a verdade criada no discurso poético, ocorre o funcionamento dessa relação de si consigo mesmo. Em Barros, essa relação se dá pela busca de verdades outras, depreendendo práticas discursivas típicas do sujeito poeta, assim como da infância, como, por exemplo, a observação de Machado (2016, p. 17) sobre o poema “Formigas”: “É usando a sua sensibilidade, que se expressa na insignificância das formigas - das crianças, dos poetas, dos loucos, dos miseráveis, dos esquecidos, que se pode vê-lo”.

Além disso, o discurso tido como verdadeiro, nesse cenário poético, que conduz o sujeito, que entra na arena de sua relação consigo e com o outro, rumo à noção de governamentalidade, das formas de conduzir a conduta do outro. Esse laço do sujeito com os jogos de verdade que o constituem serve de base para o entendimento de que na vida social o sujeito é conduzido pelos outros e vice-versa, pois as relações de saber e de poder se dão na forma de microlutas.

Essa observação é problematizada em *O governo de si e dos outros*: “O dizer-a-verdade do outro, como elemento essencial do governo que ele exerce sobre nós, é uma das condições essenciais para que possamos formar a relação adequada conosco mesmos, que nos proporcionará a virtude e a felicidade” (FOUCAULT, 2010, p. 44). O dizer a verdade do sujeito que se materializa em Barros, quando nos referimos a um sujeito poeta e da infância, afirmamos que “[...] é o sujeito sensível, capaz de observar pequenos seres como a aranha, um beija-flor, as preocupações dos tordos e de ter preocupação com a preservação das moscas” (SILVÉRIO, 2006, p. 75).

Na esteira das produções de verdade e regras de conduta impostas socialmente, destacam-se as práticas de liberdade que se traduzem no cuidado de si. Esse cuidado não se limita à relação de si consigo mesmo, mas na relação também com o outro, que implica conhecimento de si. Assim, Foucault (2014, p. 270, grifo do autor) assevera que:

[...] A liberdade é, portanto, em si mesma política. Além disso, ela também tem um modelo político, uma vez que ser livre significa não ser escravo de si mesmo nem dos seus apetites, o que implica estabelecer consigo mesmo uma certa relação de domínio, de controle, chamada de *arché* – poder, comando.

As práticas de liberdade são regadas pelos discursos tidos como verdadeiros, em que o dizer a verdade conduz o sujeito ao conhecimento de si mesmo. Embora o sujeito não seja totalmente livre para dizer e agir da forma que bem entender, há possibilidades que o desprendem das regras, das imposições que o determinam, que o moldam, como é o caso da poesia que aciona essas possibilidades. A criação, a intensidade, a utilização da linguagem por ela mesma demarcam esse espaço de modos de subjetivação como formas de práticas de liberdade. No entanto, o cuidado de si, ainda que por um processo de libertação das instâncias sociais convencionais, requer o relacionamento do sujeito com a verdade. “Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade” (FOUCAULT, 2014, p. 269). Reiterando a problemática do sujeito e do discurso, seguem as noções de transgressão na linguagem literária barreana.

## 2 A transgressão no discurso poético de Barros

A escrita poética de Manoel de Barros apresenta certas características peculiares, tais como o coloquialismo, o inusitado, o ininteligível, a construção de um sujeito utópico, tendo em vista que esse escritor, na sua própria poesia, relaciona poeta e infância. Esses traços típicos de quem deseja se aderir a uma fuga da ordem do discurso e se adentrar em outra, com ênfase na linguagem, rumam para a transgressão, característica que é própria do discurso literário.

No que tange à criação discursiva artístico-literária, esta é destacada por Foucault (2009), em *Ditos & Escritos III - Literatura e Pintura, Música e Cinema*, no “Prefácio à

transgressão”, a fim de problematizar alguns elementos, tais como a transgressão. Além disso, Foucault (2001) apresenta discussões baseadas em Nietzsche para uma valorização literária como forma de linguagem humana. Essa linguagem, para esse pensador, apresenta suas especificidades, como a ruptura e a transgressão, uma linguagem que funciona por ela mesma, cujo autor, que assume um nome próprio na sua obra e cuja especificidade de discurso é a ele atribuído (função-autor), não cansa de desaparecer no discurso. Esse funcionamento então é denominado de ser de linguagem

Em se tratando de uma linguagem vinculada a um tipo de arte, tendo em vista também as funções da literatura que se diferenciam dos demais tipos de linguagem, como a linguagem utilitária, trata-se de uma ruptura com o saber convencional, o da ordem do dizível. Ressalte-se que essa denominação se encontra no alicerce da proposta teórico-metodológica foucaultiana, uma vez que esse teórico rompe com várias premissas anteriores às suas formulações, tais como a ideia de um sujeito centrado, como origem de si. A partir dessa problemática, a ruptura na linguagem literária se dá no contexto de um diferencial do discurso, isto é, uma linguagem que se desvincula da normalizada.

Concebo, nesse sentido, que o texto poético deve ser lido no plano da estrutura formal, com isso longe do aspecto utilitário da linguagem. Talvez somente nesse tipo de concepção, a transgressão proposta pelo texto de Barros possa ser aceita. A violação do sentido nos propõe um acercar-se de algo ininteligível, surgido de um curto-circuito de sentido. Nessa violação, nesse nível de transgressão do entendimento, somos levados a atravessar limites de significação (FIOROTTI, 2006, p. 168).

As considerações de Fiorotti (2006) vão na direção das observações de Foucault (2009) sobre a transgressão, a qual assinala o limite que pode ser entendido como a realidade marcada por condutas e normas que padronizam comportamentos, cuja linguagem se dá de acordo com as convenções arraigadas. Esse rompimento com o usual da linguagem acaba por demarcar um ponto-limite, a partir desse jogo entre o usual cotidiano e o ser de linguagem literária (demarcada pelo desaparecimento da autoria no discurso), de acordo com nossa proposta de análise. “O limite e a transgressão devem um ao outro a densidade de seu ser: inexistência de um limite que não poderia absolutamente ser transposto; vaidade em troca de uma transgressão que só transporia um limite de ilusão ou de sombra”

(FOUCAULT, 2009, p. 32). É nesse contexto que os sentidos se movem, ultrapassam as possibilidades do discurso utilitário e ganham novos horizontes nessa criação, especialmente barreana.

Essa ruptura atribuída à literatura, em certo sentido, trata apenas da realidade em que as palavras são usadas, pois apesar desse rompimento, a literatura se enquadra na ordem artística e essa escrita mantém vínculo com o que convém chamar de arte pela escrita, que também possui normas. No entanto, sabe-se que a criação poética tem passado por transições ao longo de sua história e as características tradicionais acabaram sendo abolidas com o avançar dos tempos, por meio de libertação das normas, atribuindo maior autonomia ao escritor. O que está em jogo é a comparação dessa escrita/criação com a realidade, isto é, os tipos de práticas discursivas que se diferenciam no contexto da linguagem.

Pelo viés da liberdade que é atribuída ao escritor poético, pela brincadeira com as palavras, essa ruptura com a realidade comunicacional se enquadra no que se denomina transgressão. As reflexões foucaultianas abordam essa característica no que concerne às práticas artísticas exatamente por se tratar de um tipo de linguagem que não se vincula à ordem da realidade cotidiana do discurso, pertencendo a uma especificidade que pode ser compreendida como a linguagem por ela mesma. O discurso literário está fora da ordem do discurso. “Nessa tensão, o dizível e o indizível entram em causa como duas faces de uma mesma moeda, e a poesia de Manoel de Barros é a moeda em questão” (MACHADO, 2016, p. 27).

Essa transgressão que coloca a poesia em outro patamar possibilita ao escritor gozar de uma liberdade tanto no que respeita à estética do enunciado quanto à materialidade discursiva e do sujeito enunciadador. Essa possibilidade é sensível no próprio objeto de investigação deste trabalho, uma vez que a escrita de Barros situa-se fora da realidade comunicacional, isto é, o ser de linguagem nesse escritor apela para a transgressão: os discursos são produzidos de modo a provocar efeitos de sentido próprios, desvinculados da denotação linguageira da realidade comunicacional.

Nesse contexto, é possível afirmar que limite e transgressão não coexistem como aspectos dicotômicos, tal qual pareça, de acordo com Foucault (2009, p. 33):

A transgressão não está, portanto, para o limite como o negro está para o branco, o proibido para o permitido, o exterior para o interior, o excluído para o espaço protegido da morada. Ela está mais ligada a ele por uma relação em espiral que nenhuma simples infração pode extinguir. Talvez alguma coisa como o relâmpago na noite que, desde tempos imemoriais, oferece um ser denso e negro ao que ela nega, o ilumina por dentro e de alto a baixo, deve-lhe entretanto sua viva claridade, sua singularidade dilacerante e ereta, perde-se no espaço que ela assinala com sua soberania e por fim se cala, tendo dado um nome ao obscuro.

A transgressão, sob esse ponto de vista, traça uma linha que, embora pareça tênue, demarca o limite e o ilimitado, como um ponto que separa realidade e ficção, pois a partir desse contorno, ambos os aspectos relacionados à linguagem se tornam mais perceptíveis. Embora não portadores de uma interdependência como “negro no branco”, de acordo com o pensador, sugere uma situação de visibilidade que pode parecer tênue. Ambos se completam, de certa forma, a partir desse ponto de limite que os separa. Esse limite pode ser observado no contexto do real, isto é, da linguagem cotidiana que envolve inúmeros aspectos ligados à constituição do sujeito, dada pelas convenções sociais.

Dessa forma, a relação entre escrever e brincar é favorecida no contexto desse “deslimite” que goza da liberdade, que aponta para o brincar da criança como algo que foge à prática comum do indivíduo, muitas vezes realista, assim como a criação do poeta, que faz as palavras ganharem um tom diferenciado por meio das conotações. Por outro lado, tomando as palavras de Foucault (2016), ninguém é totalmente livre para dizer tudo. Nesse sentido, aquilo que é dito perpassa pelas regulações, ainda que se trate de discurso literário. “O poeta [...] é uma criação textual da linguagem poética. Nessa construção, a linguagem brinca com a realidade, muitas vezes numa ilusão biográfica e autoral, ao mesmo tempo em que estabelece tanto a ilusão quanto a realidade” (FIOROTTI, 2006, p. 186).

Ressalta-se que essa transgressão, como a que permeia a poesia de Barros, não se enquadra no nível da negação, como algo inferior em relação à realidade da linguagem cotidiana, mas se vincula a uma ordem discursiva própria, que transcende esse lugar comum da linguagem. “Nada é negativo na transgressão. Ela afirma o ser limitado, afirma o ilimitado no qual ela se lança, abrindo-o pela primeira vez à existência” (FOUCAULT, 2009, p. 33).

A partir dessas problematizações e pelo método arqueogenealógico proposto por Foucault, as análises do *corpus* literário se darão com base no viés analítico-interpretativo.

Dessa forma, a instância sujeito se constitui no ponto-chave nesse contexto, cuja criação poética como prática de liberdade na escrita do poeta Manoel de Barros corresponde ao objetivo deste trabalho.

### 3 A criação poética e a prática de liberdade na poesia de Barros

Para efeito de análise, os três poemas recortados serão denominados enunciados, que na perspectiva teórico-metodológica adotada devem ser analisados a partir de sua função enunciativa, tomando a materialidade linguística, o sujeito e a história como elementos relevantes nesse movimento. O enunciado é tomado por Foucault (2008) como da ordem do visível e do invisível, tendo em vista que o que encontra-se exterior a ele é também parte dessa produção subjetiva.

De acordo com o teórico supracitado em relação ao enunciado, trata-se de algo efetivamente produzido, contendo alguns traços constitutivos que merecem destaque, tais como a existência de um campo associado, o que é conveniente chamarmos também de efeito de memória, uma materialidade que possibilita a sua existência, uma posição de sujeito, além de pertencer a uma série. Esta possibilita-nos a compreensão de que todo enunciado pode ser retomado e servir de base para a produção de enunciados futuros, ligados a regras de formação comuns. Essas características são relevantes para o empreendimento das análises dos poemas (materialidades), pela sua natureza constitutiva que aponta para tais aspectos enunciativos.

Esse recorte, havendo em todos os poemas menção à criação poética como uma linguagem que difere da convencional, pode ser tomado como portador dessa regularidade pela sua recorrência na poesia de Manoel de Barros. Vejamos o primeiro, que integra a primeira parte, “Uma didática da invenção”, de *O livro das ignoranças* (BARROS, 1993, p. 17):

VII

No decorrer era o verbo

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos.*

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.  
E pois  
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos -  
O verbo tem que pegar delírios.

Nesse poema, a comparação entre poeta e criança é realizada, considerando-os como instâncias criadoras, cujos discursos apelam para uma ordem que foge da realidade comunicacional tal como simbolizada usualmente na linguagem. No contexto das práticas de si pelo sujeito, em uma percepção convencional, a ideia de infância se direciona para um ser aprendiz, carente de conhecimento das coisas que o cercam e em processo inaugural de constituição. Contrapondo-se a essa percepção, no título dessa primeira parte do livro há uma inversão desse caminho, em que “Uma didática da invenção” atribui à criança um *status* de sujeito criativo e capaz de “fazer nascimentos”. E o poeta se remete à criança, se faz também criança em sua criação, bem como lançar mão de discursos convencionais, como “No descomeço era o verbo”, que se trata de uma retomada transgressora de uma “verdade” ancestral, de origem bíblica.

Essa peculiaridade de ir para além da concretude das coisas, um modo transgressor de lançar um olhar sobre o mundo, atribui essa capacidade de transformação às palavras, que fogem do seu contexto utilitário, gramático, para lançar voo em direção a outros lugares, a outras possibilidades: “O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*”. Nesse verso, os sentidos de escutar e de perceber a cor são embaralhados, como quem ouve com os olhos e não com os ouvidos. Há um trabalho sinestésico nesse discurso para se chegar ao “delírio” da linguagem.

Em “A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som” é colocada sobre a mesa uma forma não usual do verbo, um regime de verdade que não corresponde ao tradicional da língua. O sujeito, então, percorre outro universo possível e que dá cor a sua constituição como da ordem do criativo, do inventivo. Essa subversão no que tange ao funcionamento da linguagem é próprio da criança que, uma vez não sabendo das coisas, inventa, lança um olhar fantasioso sobre o mundo que a cerca, assim como o fazer poético.

Nesse contexto das práticas de si, na esteira das considerações de Foucault (2004), observa-se a materialização de um sujeito que lança mão de uma ética e de uma estética da existência, que se traduzem em uma prática de liberdade que se desprende das convenções ligadas às verdades preestabelecidas: “Então se a criança muda a função de um verbo ele delira”. Dessa forma, a criação da criança, assim como a do poeta, possibilita um discurso que se caracteriza pela transgressão: “Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos – /O verbo tem que pegar delírio”, ocupando o limite tênue entre realidade e fantasia:

A transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem. A linha que ela cruza poderia também ser todo o seu espaço. O jogo dos limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples; a transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível (FOUCAULT, 2009, p. 32).

É materializado, então, um discurso que liberta, que busca novos horizontes e que coloca o sujeito criador na condição de ir para além das visibilidades imediatas, bem como em se tratando de autoria poética e do próprio escritor brasileiro em evidência, o que é possível observar também no poema que integra a primeira parte, “A arte de infantilizar formigas”, do *Livro sobre nada* (BARROS, 1996, p. 11):

## I

As coisas tinham para nós uma desutilidade poética.  
Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessaber.  
A gente inventou um truque para fabricar brinquedos com palavras.  
O truque era só virar bocó.  
Como dizer: Eu pendurei um bentevi no sol...  
O que disse Bugrinha: Por dentro de nossa casa passava  
um rio inventado.  
O que nosso avô falou: O olho do gafanhoto é sem  
princípios.  
Mano Preto perguntava: Será que fizeram o beija-flor  
diminuído só para ele voar parado?  
As distâncias somavam a gente para menos.  
O pai campeava, campeava.  
A mãe fazia velas.

Meu irmão cangava sapos.  
Bugrinha batia com uma vara no corpo do sapo e ele  
virava uma pedra.  
Fazia de conta?  
Ela era acrescentada de garças concluídas.

A relação poeta e criança é nítida nesse poema, em que o “delírio” das palavras mencionado no anterior assume um lugar especial no que concerne aos saberes. Nesse sentido, a ingenuidade em relação ao saber que se remete à criança serve como pano de fundo para a construção poética pela invenção tanto com objetos (fabricação de brinquedos) quanto com palavras. Levando em consideração que as palavras em estado de poesia carecem de ser postas em outra ordem, “As coisas tinham para nós uma desutilidade poética” reforça o discurso de que a invenção no universo da linguagem atribui a ela um estado de poesia.

Nessas circunstâncias, para o sujeito considerado como das invenções, os regimes de verdade ligados às práticas de conduta vinculadas à natureza “real” das coisas não ganham um sentido outro, não possibilitando que esse sujeito mergulhe em um universo que não o preestabelecido. E a fuga da realidade, o desprendimento dessas verdades só é possível pela busca de outros saberes que vão de encontro à ordem posta: “Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessaber”. Esse verso não remete necessariamente à ignorância em relação ao conhecimento das coisas, mas sugere que esse desconhecimento possibilita a emergência de outros saberes no universo desse sujeito que, assim como um escritor poético, lança novos olhares sobre o mundo. O fundo do quintal, espaço da casa, ganha sentido nesse cenário como espaço para a criatividade, as brincadeiras, assim como o papel que vai cedendo espaço para a criatividade do poeta.

“A gente inventou um truque para fabricar brinquedos com palavras” aponta para o discurso poético libertador, como a invenção de um brinquedo que liberta o sujeito das amarras que o colocam em lugar comum. O cuidado de si no exercício da escrita, assim como a fantasia da brincadeira, requer que esse sujeito/autor adote uma conduta que o leve à imaginação, de modo que sua subjetividade se configure a partir de uma transformação: “O truque era virar bocó”. Nesse contexto, “bocó” assume um sentido outro que não a burrice, como se considera a partir do saber convencional, mas sim um estado que condiciona uma

ética e uma estética diferenciadas. Por outro lado, é necessário conhecimento de si para que esse exercício ocorra, pois “[...] é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições” (FOUCAULT, 2014, p. 269).

Na ordem de um discurso transgressor, há versos que possibilitam sua identificação, como por exemplo “Eu pendurei um bentevi no sol...”; “voar parado”; “Meu irmão cangava sapos”, que demarcam um discurso que, em contravenção aos saberes concretos, abre uma brecha para a instauração de uma nova ordem, rumando-se para o ininteligível. A transgressão, como afirma Foucault (2009), integra outro universo, porém essa linguagem não utilitária do sujeito poético criativo, em contraste com a realidade comunicacional, precisa desta para ganhar força nesse exercício invencionista. A realidade ligada aos saberes tidos como reais serve de pano de fundo para a constituição dessas invenções, possibilitando a identificação de subjetividades outras, de práticas vinculadas a outra ordem discursiva.

No contexto de um contraste entre duas ordens discursivas – realidade *versus* fantasia – no poema que abre o livro *Exercícios de ser criança* (BARROS, 1999, s.n.), como se observa nos dois poemas anteriores, poeta e criança entram em cena nesse movimento semelhante de se fazerem sujeito pelos modos de subjetividades pela transgressão:

No aeroporto o menino perguntou:  
- E se o avião tropicar num passarinho?  
O pai ficou torto e não respondeu.  
O menino perguntou de novo:  
- E se o avião tropicar num  
passarinho triste?  
A mãe teve ternuras e pensou:  
Será que os absurdos não são as maiores virtudes  
da poesia?  
Será que os despropósitos não são mais  
carregados de poesia do que o bom senso?  
Ao sair do sufoco o pai refletiu:  
Com certeza, a liberdade e a poesia a gente  
aprende com as crianças.  
E ficou sendo.

Os versos se traduzem no confronto entre os saberes da realidade concreta e o

caráter de transgressão da linguagem poética, que no diálogo entre pais e filho é materializado. A ternura da mãe em perceber as palavras da criança a direciona para uma outra possibilidade de vontade de verdade: que o denominado distante da realidade imediata serve como pano de fundo para o discurso poético, pois assim como o delírio do verbo que deve entrar em ação para ornamentar a linguagem poética, aqui esse caminho traduz-se em “virtudes da poesia”.

O discurso poético é produzido a partir de uma observação da realidade, um fenômeno que a princípio parece quase impossível. O pai, inscrito em uma formação discursiva baseada nos saberes legitimados, resiste às colocações do filho, inicialmente, em relação a sua elaboração, que lhe parece impossível. Por outro lado, embora a mãe adira ao discurso da criança, o toma como algo descabível, absurdo. Nessa interação, acionando-se a teoria de Foucault (2010), relações de poder são evidenciadas, em que as práticas discursivas ligadas a saberes, aos jogos de verdade produzidos historicamente, que, por sua vez, denunciam as subjetividades dos sujeitos, são marcadas historicamente.

Nesse jogo de verdade, elementos como despropósitos e bom senso são colocados em evidência. Para o discurso poético, baseado na transgressão, essa subjetividade no tocante à carência de propósito da criança, assim como a criação do poeta, torna a poesia viável. Trata-se de um sujeito portador de uma ética que se direciona para a criação sem objetivo aparente, diferente do adulto: “Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?”. Por esse ângulo, o discurso da mãe endossa a prática discursiva do filho, reforçando que quanto mais distante da realidade a criação poética se faça, mais se encaixa nesse contexto do ser da linguagem, cujas palavras referem-se não às coisas, mas a elas mesmas. “O dizer-a-verdade do outro, como elemento essencial do governo que ele exerce sobre nós, é uma das condições essenciais para que possamos formar a relação adequada conosco mesmos, que nos proporcionará a virtude e a felicidade” (FOUCAULT, 2010, p. 44).

A mudança de posição discursiva do sujeito pai, nos versos finais, sugere o deslocamento do sujeito poético em relação à escrita da poesia, como quem se liberta das convenções sociais cristalizadas para encontrar-se com outras, sob outra ordem: “Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças. E ficou sendo”. Esses versos

estão em consonância com o primeiro poema em estudo, em que a “didática da invenção” sugerida aponta para a potência criadora da criança como subjetividade transformadora, isto é, uma espécie de relação consigo mesmo e, de certa forma, com o outro, por meio do governo do outro. “A liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade” (FOUCAULT, 2014, p. 267).

Esse ensinamento inverte a ordem real ligada a convenções concernentes às relações de poder entre adulto e criança, já que o considerado normal é a criança se colocar no papel de aprendiz. Na ordem discursiva poética, porém, é sugerido o caminho inverso. A partir desse olhar curioso lançado sobre as coisas pela criança, o poeta, em seu discurso subversivo, se coloca na condição de quem pratica a liberdade pela escrita.

Ressalta-se uma regularidade marcante e bastante recorrente na poesia de Barros, que é a referência a pássaro. Esse elemento sugere uma relação entre a criação poética e a liberdade dos passarinhos, ao menos os que não foram engaiolados. Assim, a própria prática de liberdade a partir do universo das palavras pode ser entendida como metáfora do voo das aves, que as liberta do aprisionamento, assim como o flutuar do poeta. Nos três poemas, respectivamente à ordem da análise: “Eu escuto a cor dos passarinhos”; “Eu pendurei um bentevi no sol...” e “- E se o avião tropicalar num passarinho?” comprovam essa regularidade.

Isso posto, os modos de subjetivação dados pela criação da criança reforçam sua semelhança ao poeta, pautado pela nomeação das coisas, pela intensidade e pelos deslocamentos de sentidos que configuram sua ética e sua estética da existência. A criança, quando não sabe das coisas, inventa, e sua prática discursiva abre caminho para essa criatividade necessária para abrigar a liberdade, possibilitando um mergulho em outra ordem discursiva que faz emergir suas invenções, assim como o poeta.

### **Palavras derradeiras...**

O presente estudo apresentou por objetivo refletir sobre a prática de liberdade a partir da criação poética, com destaque para a obra de Manoel de Barros, poeta brasileiro renomado, cuja obra apresenta um teor discursivo que se constitui em terreno fértil para análises. Como suporte teórico-metodológico, adotou-se a Análise do Discurso pautada em Foucault no que concerne à constituição do sujeito como efeito da exterioridade, pelas

relações de saber e de poder determinadas historicamente.

Pelas análises dos três poemas recortados, é possível detectar que a linguagem poética possibilita que o sujeito rume em direção à transgressão, como quem se liberta da ordem discursiva ligada à realidade convencional. Na poesia barreana essa forma de ética e de estética se dá pela comparação entre a criatividade do poeta e da criança, como quem sai do universo concreto e mergulha em outro fantasioso. A constituição dessa ordem discursiva poética ocorre pelo contraste com o discurso usual, utilitário, colocando em evidência saberes que efetivam as subjetividades do sujeito. No que concerne à autoria, a obra de Barros apresenta como regularidade essa característica, que considera a infância e o poeta como sinônimos de invenção, de provocar delírios na linguagem, de alçar voos como um pássaro livre, como é notório no recorte analisado. Além disso, características da escrita desse poeta integram essa questão, tais como neologismos, fantasias, deslocamentos de sentidos, sujeito constituído por ideais que o distanciam da gramaticalidade da língua, dos regimes de verdade legitimados.

A prática de liberdade pode ser apontada, então, nessa dimensão do sujeito que pratica novas formas de cuidado de si, que implicam também sua relação com o outro, pelas relações de poder. A cada momento na história os regimes de verdade, bem como os jogos de poder, se dão de formas distintas, produzindo modos de subjetivação cada qual a seu tempo. E os saberes constituintes das convenções sociais servem de pano de fundo para demarcar os discursos transgressores, que não se pautam por uma lógica comum, mas se deslocam desse lugar de normalidade para ir ao encontro de um despropósito, configurando-se em uma nova ética e estética da existência que configuram as práticas de liberdade.

## Referências

BARROS, M. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BARROS, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS, M. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

FERNANDES, C. A. O Autor: morte do homem, nascimento do sujeito. In: *Revista da ABRALIN*, v.15, n.2, p. 19-38, jul.-dez. 2016.

FIOROTTI, D. A. *A palavra encena: uma busca de entendimento da linguagem poética a partir de Manoel de Barros*. 2006. Tese (doutorado em Teoria Literária). Faculdade de Letras: Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *In*: FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 264-287.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. Linguagem e Literatura. *In*: FOUCAULT, M. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FOUCAULT, M. Prefácio à transgressão. *In*: FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2009, p. 28-47.

FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. Poder e Saber. *In*: FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos IV – Estratégia, Poder-Saber*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006, p. 223-240.

FOUCAULT, M. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

MACHADO, R. L. *Poesia e Psicanálise: do poeitar sobre a infância ao (in)dizível da experiência em Manoel de Barros*. Porto Alegre, 2016. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVÉRIO, N. A. F. *Memória e interdiscurso em: O guardador de águas de Manoel de Barros*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

YAMAMOTO, C. R. S. *Memória e identidade na obra de Manoel de Barros*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF/UFU/CNPq).

E-mail: [anisiopereira2008@hotmail.com](mailto:anisiopereira2008@hotmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5123270216969087>.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1329-5237>.